

## **“Kizomba, Festa da Raça” x “Liberdade, Liberdade! Abre as Asas Sobre Nós”: um estudo Comparativo sobre a Representação do Protagonismo Negro na Luta contra a Escravidão no Brasil<sup>1</sup>**

Gustavo da Silva Vicente dos Santos<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

### **RESUMO**

Este estudo analisa a abordagem narrativa de dois sambas-enredo renomados do carnaval carioca sobre o protagonismo do povo afro-brasileiro na luta pela Abolição da Escravidão do Brasil. Diante de um cenário em que narrativas negras ganham o protagonismo no “Maior Espetáculo da Terra”, surge a necessidade de compreender como essas obras abordam a ancestralidade desse povo historicamente silenciado. Sob fundamentação do Pensamento Decolonial, além das ideias de Identidade e Representação, este ensaio busca, mediante reflexão crítica, ampliar o debate sobre a autoestima histórica da cultura afro-brasileira contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** samba; decolonialidade; narrativas; negritude; comunicação.

### **SAMBAS-ENREDO E SEUS ENSAIOS DECOLONIAIS**

Os desfiles de escolas de samba são parte de uma cultura centenária cujas histórias se difundem a cada geração. Oriundas da cultura periférica carioca, especificamente das comunidades pretas e pobres, as primeiras agremiações surgem na década de 1920. Desde então, auxiliadas pelo interesse do poder público e midiático nessas instituições e nas festas promovidas por elas na cidade do Rio de Janeiro, o espetáculo ganha ainda mais proporção e relevância sociocultural, passando a ser tratado como o "Maior espetáculo da Terra". Os primeiros desfiles oficiais do Rio de Janeiro acontecem no ano de 1932, com forte auxílio dos jornais impressos da época na organização do evento. Com a modernização desses meios de comunicação consolidada nos anos 1960, o aumento do interesse das mais variadas classes sociais pelos eventos das escolas de samba se torna um fator preponderante para o sucesso dessa festa.

Em virtude dos ideais nacionalistas do governo de Getúlio Vargas, os enredos das escolas tinham a obrigação de tratar, até os primeiros anos da década de 1960, sobre temas que contassem alguma passagem da história do Brasil. Porém, com a expansão comercial do evento, tal restrição deixa de acontecer e aos poucos dá lugar a uma maior variedade nas narrativas das escolas, em um movimento que já se assemelha a uma

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de mídia e decolonialidade, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social da UERJ, Pesquisador Bolsista da CAPES, mestrando do PPGCOM/UERJ, email: [gustaviciente97@gmail.com](mailto:gustaviciente97@gmail.com).

tentativa, mesmo que inconsciente de se aproximar ao status de um evento globalizado. Desse modo, explora-se a diversidade temática da festa e a criatividade dos carnavalescos para abordar os mais variados temas.

Diferentemente do obrigatório anteriormente, enredos afro-brasileiros passaram a ganhar notoriedade nesse período, apresentando o ponto de vista do negro como foco da narrativa, trazendo visões diferenciadas na abordagem sobre os temas. O cotidiano do escravo na vida colonial, os movimentos de resistência negra em busca da liberdade, e a presença negra na cultura e folclore nacional se tornaram os principais pilares utilizados pelas agremiações como ponto de partida para enredos que exaltavam direta ou indiretamente a cultura afro-brasileira (Faria, 2017).

Com a criação do Sambódromo da Marquês de Sapucaí em 1984, a massiva midiaticização deste evento fez com que ele se tornasse parte fundamental da identidade carioca, além de um símbolo da população criadora da festa (negra, pobre e periférica). Com isso, o estudo explora o papel sociocultural de dois sambas-enredo que embalsamaram os títulos de suas respectivas agremiações em anos consecutivos na “era Sambódromo”. Essas obras abordam de forma distinta a reverberação histórica do processo de abolição da escravatura no Brasil, mais especificamente o protagonismo da população negra em seu processo de libertação. Fala-se dos sambas “Kizomba, Festa da Raça”, da Unidos de Vila Isabel de 1988 e de “Liberdade, Liberdade! Abre as Asas Sobre Nós”, da Imperatriz Leopoldinense de 1989.

Mediante análise comparativa das transmissões de mensagens passadas pelas respectivas letras, esse ensaio busca compreender como cada obra destaca o protagonismo negro na luta pela sua própria liberdade na época do Brasil Império. Parte-se da leitura do livro Samba de Enredo: História e Arte, de Luiz Antônio Simas e Alberto Mussa (2023). Busca-se compreender como as narrativas musicais oriundas dos desfiles de escolas de samba do Rio de Janeiro, conhecidos como “Maior Espetáculo da Terra, podem influenciar tais percepções e produções de sentidos, além de inspirar novas narrativas dentro do próprio universo das escolas de samba fluminenses.

Tendo como objetos de pesquisa os sambas “Kizomba, Festa da Raça” e “Liberdade, Liberdade! Abre as Asas Sobre Nós”, e as análises de Mussa e Simas sobre os dois sambas-enredo, esse estudo tem como objetivos analisar o pensamento decolonial sobre o Protagonismo Negro na Abolição da Escravidão dentro das

narrativas dessas agremiações e como tais ideais foram disseminados em seus respectivos sambas-enredo. Além disso, concentra-se em analisar como as mensagens desses sambas podem contribuir para a identidade do povo afro-brasileiro, gerando reflexões e impacto na autoestima cultural desse grupo.

A pesquisa traz o estudo de discurso tanto para as letras dos sambas protagonistas do estudo, quanto para obras carnavalescas de outras agremiações que podem ter sido influenciadas perante o sucesso destes exemplos anteriores. Utiliza-se também revisão bibliográfica, com o intuito de explorar o pensamento decolonial proposto por Muriel Amaral, além da crítica eurocêntrica de Inocência Mata.

Os desfiles e os sambas-enredo "Kizomba, Festa da Raça" e "Liberdade, Liberdade! Abre as Asas Sobre Nós" acontecem em momentos significativos da história brasileira. Enquanto o primeiro celebra o centenário da abolição da escravatura no Brasil, o segundo aborda o aniversário de cem anos da proclamação da República brasileira. Ambos os desfiles, foram campeões do carnaval carioca, apesar de tratarem com visões distintas o protagonismo negro na abolição da escravidão. "Kizomba" enfatiza a resistência e a cultura afro-brasileira. Já a obra da Imperatriz reflete uma narrativa que, embora cite o lado cultural do povo negro na criação do Brasil, prioriza o reconhecimento a figuras importantes do militarismo e do Brasil Império, retirando assim, o protagonismo da luta do povo negro pela sua própria liberdade.

Em entrevista ao documentário "Enredos da Liberdade: O Grito do Samba pela Democracia"(Globoplay, 2022), o renomado escritor e estudioso das escolas de samba do Rio, Haroldo Costa, descreve "Kizomba, Festa da Raça", apresentado para o carnaval de 1988 como "a trilha sonora da história do negro no Brasil". O samba-enredo destaca a figura de Zumbi dos Palmares como um símbolo da resistência contra a escravidão e evoca a luta dos negros por liberdade e dignidade. A letra é um chamado à união de todas as raças, enfatizando a importância da cultura afro-brasileira – no caso danças de jongo e maracatu, além das rezas e dos orixás – como forças de identidade e resistência.

Valeu Zumbi! / O grito forte dos Palmares / Que correu terras, céus e mares /  
Influenciando a Abolição / Zumbi valeu! / Hoje a Vila é Kizomba / É  
batuque, canto e dança / Jongo e Maracatu / Vem, menininha, pra dançar o  
Caxambu / Ô ô ô nega mina / Anastácia não se deixou escravizar / Ô ô ô  
Clementina / O pagode é o partido popular /Sarcedote ergue a taça /  
Convocando toda a massa / Nesse evento que congrega / Gente de todas as  
raças / Numa mesma emoção / Esta Kizomba é nossa Constituição / Que

magia! / Reza, Ageum e Orixá / Tem a força da cultura / Tem a arte e a bravura / E um bom jogo de cintura faz valer seus ideais / E a beleza pura dos seus rituais / Vem a lua de Luanda / Para iluminar a rua / Nossa sede é nossa sede / De que o Apartheid se destrua! (De Souza, Rodrigues e Da Vila, 1987).

O desfile é uma celebração vibrante em que o negro é o real protagonista mediante sua mobilização cultural, mostrando que a luta pela liberdade não foi apenas uma conquista imposta, mas uma batalha travada por aqueles que, mesmo após a abolição, continuaram a lutar contra a marginalização e a desigualdade. Por mais que o enredo tratasse o movimento como celebração, esta festa não era apenas um momento de alegria, mas um critério essencial para a existência e consolidação da identidade de um povo (Fernandes, 2001). Luiz Antônio Simas e Alberto Mussa (2023, p.111 e 112) destacam Kizomba e a importância desse modelo de enredo para a autoestima e autoconhecimento da população afro-brasileira em comparação aos enredos puramente nacionalistas e exaltadores de uma identidade nacional que não contemplava a maioria da nação e muito menos priorizava a real história perante a dita “história oficial”.

O pensamento decolonial pode ser compreendido como um movimento epistemológico e político que busca romper com estruturas de dominação impostas pelo colonialismo, promovendo novas formas de conhecimento e resistência cultural. Muriel Amaral (2021, p.484) destaca que a decolonialidade não exige a destruição total do conhecimento produzido até então, mas propõe um deslocamento crítico que permita o desenvolvimento de novas abordagens científicas de maneira mais democrática e política. Ou seja, em vez de “fossilizar” o conhecimento dentro dos moldes eurocêntricos, a decolonialidade pretende criar espaços para as mais variadas epistemologias, valorizando saberes historicamente marginalizados.

O autor destaca a importância de uma visão decolonial nas mais variadas formas de comunicação, enfatizando a necessidade de um debate público que reconheça a diversidade cultural. A proposta decolonial, nesse sentido, não pretende impor um caminho metodológico exclusivo, mas busca a ampliação das visões para que diferentes formas de pensamento possam dialogar entre si, considerando realidades e experiências de grupos excluídos. Dessa forma, a visão decolonial dentro de um espaço de debate público – no caso os desfiles de escolas de samba, por meio de seus sambas, ritmos, imagens e alegorias – se manifesta como um projeto de resgate e valorização de

identidades silenciadas, promovendo não apenas a inclusão dessas vozes no campo do saber, mas também a construção de um paradigma mais plural e menos hierárquico.

Diferentemente da abordagem ativa e decolonial proposta pela Unidos de Vila Isabel em 1988, "Liberdade, Liberdade! Abre as Asas Sobre Nós", apresentado no ano seguinte, traz um enfoque que, embora reconheça a importância da abolição, coloca figuras como a Princesa Isabel, Marechal Deodoro da Fonseca e Duque de Caxias em um papel de destaque. Simas e Mussa (2023, p. 79) colocam este samba da Imperatriz em um lugar de destaque no período de retomada da democracia brasileira, tratando a Proclamação da República, vista como o ápice da luta pela liberdade, na história do Brasil. Os autores enfatizam o tom “crítico” da letra do samba, na qual se dá a entender que havia algo mais a ser conquistado pela população brasileira. Apesar disso, os autores não se aprofundam sobre o que seria esse “algo mais” a ser conquistado.

*Liberdade, Liberdade! / Abre as asas sobre nós / E que a voz da igualdade /  
Seja sempre a nossa voz / Vem, vem reviver comigo amor / O Centenário em  
poesia / Nesta Pátria mãe querida / O Império decadente, muito rico  
incoerente / Era fidalguia e por isso que surgem / Surgem os tamborins, vem  
emoção / A bateria vem, no pique da canção / E a nobreza enfeita o luxo do  
salão / Vem viver o sonho que sonhei / Ao longe faz-se ouvir / Tem verde e  
branco por aí / Brilhando na Sapucaí / Da guerra nunca mais / Esqueceremos  
do patrono, o Duque imortal / A imigração floriu, de cultura o Brasil / A  
música encanta e o povo canta assim / E da princesa / Pra Isabel a heroína,  
que assinou a lei divina / Negro dançou, comemorou, o fim da sina / Na noite  
quinze e reluzente / Com a bravura, finalmente / O Marechal que proclamou  
foi presidente! (Jurandir, Tristeza, Jóia e Vicentinho, 1988).*

Dessa forma, percebe-se que a narrativa do samba-enredo da Imperatriz se insere em um processo maior de construção de uma “história oficial” que, por meio de interpretações artificiosas, legitima determinados eventos e personagens como centrais na luta pela liberdade no Brasil. Assim como aponta Mata (2020, p.32), essas mistificações históricas operam na construção de mitos que reforçam visões ideológicas, apagando ou minimizando o protagonismo de grupos historicamente marginalizados. A exaltação de figuras como Princesa Isabel e Marechal Deodoro da Fonseca exemplifica esse fenômeno ao consolidar a narrativa de que a libertação do povo negro foi uma concessão por parte da Corte ao povo afro-brasileiro, ignorando assim, os inúmeros movimentos de resistência e luta da população negra espalhados por todo o Brasil.

Ambos os sambas refletem diferentes aspectos do protagonismo negro na abolição da escravidão. "Kizomba, Festa da Raça" celebra a resistência e a cultura

festiva afro-brasileira, enquanto "Liberdade, Liberdade!" oferece uma visão que de certa forma esconde a luta contínua do povo negro em prol do destaque de personagens ligados a dita “história oficial” do Brasil. Esse ensaio serve para exemplificar a diferença nas narrativas entre duas obras musicais de renome no universo do carnaval do Rio de Janeiro. Destaca-se também a complexidade da história brasileira e a necessidade de uma reflexão crítica e ativa por parte de toda a sociedade sobre o ativismo negro na construção de uma identidade nacional brasileira.

É fundamental compreender como as representações midiáticas influenciam o papel dos sambas-enredo nos desfiles das escolas de samba. Essa relação evidencia a complexa interação entre mídia, cultura e identidade no contexto carioca, uma vez que essas obras desempenham um papel essencial na construção de linguagens, significados e imaginários coletivos. Por meio de seus versos e melodias, o carnaval das agremiações alcança milhões de lares brasileiros, moldando a percepção pública sobre essa manifestação cultural. Dessa forma, a mensagem transmitida oral e visualmente pelos desfiles impacta diretamente a autoestima e a identidade do povo afro-brasileiro.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. **Notas sobre o pensamento decolonial e os estudos de comunicação**. Extraprensa, Cultura e Comunicação na América Latina, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 471-487, jan.-jun. 2021.

FARIA, Guilherme José Motta. As escolas de samba do Rio de Janeiro nos anos 60 e as narrativas sobre a história do negro na avenida. **Faces da História**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 75–97, 2017. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/384>. Acesso em: 11 mar. 2025.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **Escolas de Samba**: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro, 1928-1949. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural; Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

MATA, Inocência. **Estudos pós-coloniais**: desconstruindo genealogias eurocêtricas. Civitas, v.14, n, 1, Porto Alegre, p. 27-42, jan.-abr. 2014.

MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antônio. **Samba de Enredo**: História e Arte. 2ª Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

**T1:E5 - Larguem Nossas Fantasias**: 1988-1989. 1 vídeo (43 min). Globoplay, 2022. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11870388/?s=39m21s>> Acesso em: 28 mar. 2025.